

# O encontro de Marta com Jesus: Profissão de Fé (Jo 11,17-28)

*Martha's meeting with Jesus:  
Profession of faith (Jn 11:17-28)*

*Joel Ferreira*

## Resumo

O evangelista João expõe a questão da fé (objeto) em todo o seu livro. Ele tem um objetivo: se nos sinóticos Pedro é o referencial, o IV evangelho relata a fé de vários personagens: Natanael (1,49), a Samaritana (4,19), os discípulos representados por Pedro (6,68-69), o cego de nascença (9,38), o próprio evangelista (19,35), Madalena (20,18) e Tomé (20,28). Porém, é no sinal sobre Lázaro, que a profissão de fé de uma mulher da periferia descreve uma teologia completa. Marta compreende Jesus em três dimensões cristológicas: messiânica (Cristo), divina (Filho de Deus) e da encarnação (devia vir ao mundo). Quem crê tem a vida eterna porque já passou da morte para a vida (Jo 5,24). Pelos métodos histórico-crítico e sociológico/confitual, a partir de especialistas no IV Evangelho, é possível ver que Marta faz o encontro (*apánthesis*) com Jesus que se revela: “Eu sou a ressurreição e a vida... E todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre” (11,25-26). O artigo procura mostrar o resultado do seu ato de fé: Marta crê (11,27) e vai anunciar à sua irmã que encontrou Jesus.

**Palavras-chave:** Marta. Jesus. Ressurreição. Vida. Encontro.

## Abstract

The evangelist John exposes the issue of faith (object) throughout his book. It has a purpose: if Peter is the reference in the Synoptics, the IV



Gospel reports the faith of several characters: Nathanael (1.49), the Samaritan woman (4.19), the disciples represented by Peter (6.68-69), the man born blind (9.38), the evangelist himself (19.35), Magdalene (20.18) and Thomas (20.28). However, it is in the sign about Lazarus that the profession of faith of a woman from the periphery describes a complete theology. Martha understands Jesus in three Christological dimensions: messianic (Christ), divine (Son of God) and incarnation (he was to come into the world). Whoever believes has eternal life because he has passed from death to life (Jn 5:24). Through historical-critical and sociological/conflictual methods, based on specialists in the Fourth Gospel, it is possible to see that Martha makes the encounter (apánthesis) with Jesus who reveals himself: “I am the resurrection and the life... lives and believes in me, will by no means die forever” (11:25-26). The article seeks to show the result of her act of faith: Martha believes (11, 27) and goes to announce to her sister that she has found Jesus.

**Keywords:** Martha. Jesus. Resurrection. Life. Encounter.

## Introdução

Para compreendermos bem o encontro de Marta e sua profissão de fé em Jesus, precisamos acenar para alguns tópicos significativos:

- a) O Evangelho de João coloca a fé como centro de todo o seu livro, sendo que a descrição é apresentada na conclusão do livro (Jo 20,30-31):<sup>1</sup>

Jesus fez muitos outros sinais, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Porém, estes sinais foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.<sup>2</sup> E para que crendo tenhais a vida em seu nome. (Jo 20,30-31)

O evangelista optou por apontar alguns sinais<sup>3</sup> que levassem o leitor à compreensão de quem era Jesus de Nazaré (Jo 1,45-46), que pudesse fazer o

<sup>1</sup> As traduções dos textos gregos foram feitas por nós: *The Greek New Testament*, third Edition.

<sup>2</sup> Marta, na sua profissão de fé, aborda esses mesmos títulos para Jesus.

<sup>3</sup> João trabalha na 1ª parte do seu livro (livro dos sinais: Jo 1,19-12,50), sete sinais. 1º: a transformação da água em vinho em Caná (2,1-10); 2º: a cura do filho do funcionário do rei (4,46-54); 3º: a cura do paralítico em Betesda (5,1-9); 4º: a multiplicação dos pães e o discurso (6); 5º: a caminhada sobre o mar (6,16-21); 6º: a cura do cego de nascença (9); 7º: a ressurreição de Lázaro (11,1-46).

encontro com ele e que chegasse ao ápice da fé compreendendo Jesus como o Filho de Deus, fonte de vida eterna.<sup>4</sup> O Evangelho estimula para se chegar à fé. A fé é o encontro (*apánthesis*) com Jesus Cristo.<sup>5</sup> Esse programa de fé (20,30-31) enuncia Jesus como homem, como Cristo/Messias e como Filho de Deus.<sup>6</sup> Quem o encontra tem a vida.

- b) Por duas vezes, a conclusão de João (Jo 20,30-31) se refere aos sinais. A propósito, o IV evangelho descreve sete sinais.<sup>7</sup> Um deles é a ressurreição de Lázaro, em cujo texto o leitor se depara com a fé de Marta (Jo 11,17-28). O sinal (*semeion*) ultrapassa o milagre. O leitor não se detém no milagre (história maravilhosa). Como ele vai além do milagre? Exercitando o encontro (*apánthesis*), decididamente, com Jesus Cristo, o Filho de Deus. Em dois lugares (Jo 11 e Jo 12,1-12), Marta, Maria e Lázaro têm a experiência do encontro com Jesus.
- c) A perícopa da profissão de fé de Marta (Jo 11,17-28) está dentro do sinal que descreve a ressurreição de Lázaro. Nesse acontecimento se manifesta, também, a revelação da ressurreição de Jesus (“Eu sou a Ressurreição e a Vida” (11,25).
- d) Sobre a profissão de fé, João não tinha o esquema dos sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas), em que eles privilegiaram a fé de um masculino (Pedro). Porém, é preciso lembrar que podemos falar da fé de Natanael (Jo 1,45-51), um verdadeiro israelita. No encontro com Jesus, ele professa: “Rabi, tu és o Filho de Deus, és o Rei de Israel” (Jo 1,49).<sup>8</sup> Também, na fé da samaritana (Jo 4,1-42) ela diz: “Senhor, vejo que tu és um profeta” (Jo 4,19). Na Páscoa do Pão da Vida (Jo 6), no final, há a profissão de fé dos doze, na pessoa de Pedro:

<sup>4</sup> PERKINS, P., Evangelho segundo João, p. 743.

<sup>5</sup> No texto de nossa perícopa, por duas vezes, veremos o verbo que vem de *apanthesis* (encontro: Jo 11,20.30). Também, na fé de Marta (11,27), ela se dirige ao *Kýrios* definindo-o como Cristo e Filho de Deus.

<sup>6</sup> MOLONEY, F. J., Teologia Joanina, p. 1652.

<sup>7</sup> FERREIRA, J. A., Os sinais no Evangelho de João, p. 111-134.

<sup>8</sup> Natanael, sendo israelita, usa, também, o título “rei” para Jesus. João, à frente, clareia quem é o rei quando há o confronto entre Pilatos (representante do imperador) e Jesus. Este se define rei (18,37) mas apresenta ao governador o significado do seu Reino: totalmente o contrário do reino romano: “o meu reino não é deste mundo... meu reino não é daqui” (18,36). Frisando a questão da verdade, Jesus, no livro da comunidade (Jo 13-17) mostra que o Reino é partilha, solidariedade, serviço: expressões que sintetizam o Reino de Amor, desconhecido pelo mundo.



“Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus” (Jo 6,68-69). Na fé do cego de nascença (Jo 9), ao encontrar Jesus, ele exclama: “‘Creio, Senhor! ’ E prostrou-se diante dele” (Jo 9,38). Na crucificação, no golpe da lança, o evangelista ao ver saindo “sangue e água” proclama: “Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que vós creiais...” (Jo 19,35). Após encontrar-se com o Ressuscitado, Madalena foi anunciar aos discípulos: “vi o Senhor” (Jo 20,18). Na fé de Tomé (Jo 20,28), também, após encontrar-se com o Ressuscitado, ele professa: “meu Senhor e meu Deus!”.<sup>9</sup>

O evangelista procura mostrar que uma mulher faz um dos atos de fé mais completos na literatura joanina. João não teve dúvidas: a grandeza da profissão de fé, no contexto da aldeia (Betânia) e do túmulo, dentro da revelação da ressurreição, vinha de uma mulher: Marta.<sup>10</sup>

- e) Havia uma distância abissal entre Jerusalém e Betânia, embora próximas, em nível geográfico. Jerusalém era a capital. Tinha o Templo. Moravam ali o representante do pretório romano (Pilatos) e os membros do sinédrio israelita (71 membros). Estes dois grupos assassinaram Jesus.<sup>11</sup> Se Jerusalém era poderosa e perigosa, Betânia, ao contrário, era a cidade do encontro com Jesus. Nessa aldeia morava uma família amiga de Jesus: Marta, Lázaro e Maria (Jo 11,1-57; 12,1-12). É o “lugar da acolhida, da hospitalidade, da escuta, da amizade e do serviço, onde todos são irmãos/as sentados/as à mesma mesa, junto ao Mestre”.<sup>12</sup>
- f) Para se compreender bem como Marta enfrenta o paradoxo da fé, João tem um esquema muito interessante em todo o seu livro. Ele faz uma apresentação da conjuntura do mundo (império romano e elite judaica), uma análise negativa de quem oprimia a população despos-

<sup>9</sup> João entendeu que Jesus nunca aceita os títulos usados pelos governantes e as elites que massacraram o povo. Os títulos de Jesus são, sempre, comprometidos com a postura dele junto aos despossuídos, os marginalizados, os doentes. Marta e todos os que fizeram o ato de fé, entenderam o projeto de Jesus e lhe deram os títulos que estão nas citações acima.

<sup>10</sup> LOPES, M., *A Confissão de Marta*, toda obra.

<sup>11</sup> FERREIRA, J. A., *As Forças Corruptas do Sinédrio (Anás/Caifás) e do Pretório (Pilatos) assassinaram o inocente*, p. 197-226.

<sup>12</sup> PALAORO, A., *Betânia: casa de encontro, espaço educativo*, p. 1.

suída e sem espaço. Nessa conjuntura, ele trabalha alguns termos que são a expressão do império escravagista romano e da elite subserviente de Jerusalém. O seu evangelho aponta um mundo<sup>13</sup> fechado em torno do poder que gera as trevas, ou seja, projetos que impunham às populações um modo de existir na mentira. Era em torno das falsas verdades que as elites imperiais e locais conduziam a população na escravidão. Não havia a dignidade humana para todos porque geravam uma ideologia de morte. No final, em João, quem efetiva a morte de quem gerava a vida, foram, exatamente, o pretório (Pilatos) e o sinédrio (71 membros) civil e religioso.<sup>14</sup> João mostra, portanto, que quem não está no projeto de Jesus vive e faz gerar as trevas, a mentira, a escravidão e a morte.

Marta, no entanto, convivendo e ouvindo Jesus, compreendeu a proposta dele. Ela percebeu que o “Cristo” e “Filho de Deus” (11,26-27) vive com o Pai<sup>15</sup> e com os seus, numa vida de amor. Ela entendeu que Jesus era a Palavra que veio ao mundo e que queria que todos vivessem como ele, isto é, num amor total que desse sentido às vidas de todos. Há uma dinâmica contrária ao projeto do mundo. O amor gratuito gera a luz e anuncia a verdade. Jesus é a luz. Ele é a verdade. Por isso, que “a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Pilatos (representante do mundo romano) não compreende o que é a verdade (Jo 18,38). Dentro do universo mais rico da dignidade humana que é a liberdade, enxerga-se, claramente, a vida. Marta, agora, podia perceber que em Jesus, a Vida, estava a total realização humana. Quando Jesus perguntou a ela: “Crês nisso?” e ela respondeu “Sim, Senhor...” (v. 26-27). Aí, ela fez o encontro pleno.

Ela, como os outros que confessaram a fé em Jesus, ao encontrá-lo vivem porque Jesus é a luz, a verdade, a liberdade e a vida.

<sup>13</sup> No final de Jo 16, Jesus diz: “no mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” Em Jo 17 (oração de Jesus), ele se refere ao “mundo”, por várias vezes. Esse conceito, às vezes, significa a natureza. Porém, aqui, refere-se às forças do mal (políticas, militares, econômicas, ideológicas) que oprimem os despossuídos. Naquele tempo, o mundo era Roma e, em Israel, também, o sinédrio. É bom lembrar que na prisão de Jesus, quem o prende foram a “coorte” (legião do exército romano), junto à guarda dos sumos sacerdotes e fariseus (Jo 18,3). Estão aí as forças do mundo.

<sup>14</sup> FERREIRA, J. A., *As Forças Corruptas do Sinédrio (Anás/Caifás) e do Pretório (Pilatos) assassinaram o inocente*, p. 221-4.

<sup>15</sup> MOLONEY, F. J., *Teologia Joanina*, p. 1652.

# 1. Ecos femininos no IV evangelho: as mulheres têm voz e espaço

João dedica em seu evangelho, vários momentos em que o humanismo de Jesus para com as mulheres é descrito como algo vivo e transparente e, nesses encontros, elas escutam e falam: diálogo.

## 1.1. A mãe de Jesus (Jo 2,1-10)

Nas bodas de Caná (nova aliança que surge na periferia), “estava lá” (Jo 2,1) e, também, “perto da cruz” (19,25) ela “estava lá”. Como ela constatou a ausência de vinho e ouvindo Jesus entendeu que a “hora” (paixão, morte e ressurreição)<sup>16</sup> de Jesus ainda não havia chegado, ela proclama aos serventes: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). Esses encham as seis talhas (número imperfeito) de água (símbolo da lei que estava esgotada e que não trazia vida e alegria). Os serventes (*diákonoi*) sabiam da novidade. Com a mãe de Jesus, eles entram na Nova Aliança. Afinal, eram serventes. Ao transformar a água das talhas em vinho (*oinós*) novo houve a substituição do velho sistema judaico pela novidade trazida por Jesus.<sup>17</sup> Já o mestre-sala só constata. Não vai saber de onde viera o vinho novo. Naquele tempo, estava cheio de “mestres” que não conheceram a novidade da nova aliança, porque estavam apegados ao sistema.<sup>18</sup>

Já a mãe, rompendo com a lei antiga, participa com Jesus da chegada do novo (vinho novo, símbolo da nova aliança ou nova criação). A novidade se deu no terceiro dia (semana da nova criação realizada). Aconteceu a “hora” do sinal. A passagem da água para o vinho é a Páscoa. A mãe de Jesus, a mulher-Eva (Ap 12) gera na fé. Ela está presente na hora do sinal e na hora da realização.<sup>19</sup>

É a mãe de Jesus quem provoca o surgimento do primeiro sinal. As talhas vazias (a lei não dá mais vida), em vez de água ficaram cheias de vinho (símbolo do amor/aliança) porque Jesus pediu aos serventes (*diákonoi*) que as

<sup>16</sup> BROWN, R. E., Evangelho de João e Epístolas, p. 34.

<sup>17</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 130.

<sup>18</sup> FERREIRA, As Forças Corruptas do Sinédrio (Anás/Caifás) e do Pretório (Pilatos) assassinaram o inocente, p. 118.

<sup>19</sup> BROWN, R. E., Evangelho de João e Epístolas, p. 35; RUBEAUX, F., “Mostra-nos o Pai”: Uma leitura do Quarto Evangelho, p. 33.

enchessem. Agora se tem a abundância<sup>20</sup> É da margem (Caná da Galileia) que veio a novidade.<sup>21</sup>

## 1.2. A estrangeira Samaritana (Jo 4)

Ela encontra Jesus junto à água do poço como vários patriarcas encontraram suas esposas. Temos o símbolo da sua aliança com a humanidade desprezada, em pleno dia. A água (lei esvaziada) dá, aqui, o lugar para a fonte da água viva que é Jesus.

## 1.3. A mulher surpreendida no adultério (Jo 8,1-11)<sup>22</sup>

Essa perícopre retrata Jesus, de manhã, ensinando e sendo surpreendido pelos escribas e fariseus que trouxeram uma mulher que claudicou e foi forçada a ir até Jesus. Uma manobra: sabiam que Jesus estava por ali, sabiam da adúltera, prendem-na e a conduzem a Jesus, criando um drama humano, jurídico e teológico. Jesus é envolvido em um conflito. O masculino que estava com ela não foi trazido. A violência era com a feminina. Daí, além de violentar a mulher (colocam-na no meio), querem pôr Jesus numa enrascada. O gesto do pedagogo Jesus (agachar-se e escrever no chão) desmoraliza e desmobiliza aquelas autoridades. “Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8,7). De julgadores, tornam-se julgados, indo embora. O importante é que, ainda no centro, Jesus dialoga com a mulher. Ele dá a palavra a ela que diz que ninguém a condenara (Jo 8,11). Ele, ao dizer, “nem eu te condeno. Vai e não peques mais” assinala o encontro com ela, expressando a misericórdia e a valorização da pessoa. Essa mulher, de ultrajada e condenada, agora tem a dignidade humana. Jesus não dialogou com os escribas e fariseus. Porém, falou ao coração da mulher porque ela era pessoa humana e imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27).

<sup>20</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 131.

<sup>21</sup> FERREIRA, J. A., As Forças Corruptas do Sinédrio (Anás/Caifás) e do Pretório (Pilatos) assassinaram o inocente, p. 119.

<sup>22</sup> Os estudiosos entendem que este texto não está nos manuscritos mais antigos. Foi inserido mais tarde. Ele se parece mais com a linguagem e a teologia de Lucas. Parece que essa perícopre foi colocada, propositalmente, porque Jo 7-8 descreve uma série de discussões das autoridades de Jerusalém com Jesus. A perícopre é muito dura com os escribas e fariseus que deveriam ser os educadores do povo e, no entanto, fazem do seu *status* um momento de um *pseudo* júri condenatório. Esta perícopre é usada como texto-base pela Campanha da Fraternidade (2022) que enfoca a “fraternidade e educação” e cujo lema é “fala com sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26).

#### 1.4. As mulheres de Betânia, Marta e Maria (Jo 11)

Elas são o símbolo da hospitalidade e ternura (Jo 12,1-11) em contraste com a vizinha Jerusalém, cidade dura e fria.

#### 1.5. As mulheres ao pé da cruz (Jo 19,25-27)

A presença delas é a denúncia e o protesto contra o pretório (Roma), contra o sinédrio judeu e, também, contra os discípulos bem próximos de Jesus. Quem não tiveram medo e expressaram a coragem no momento fatídico foram as mulheres, com exceção do “outro discípulo”. Aqui elas não falaram. A presença era mais significativa do que as palavras. Ocuparam o seu espaço.

#### 1.6. Maria Madalena (Jo 20,1-2.11-18)

Ela é a 13ª discípula de Jesus, a primeira proclamadora da ressurreição.

### 2. O encontro de Marta com Jesus (Jo 11,17-28)<sup>23</sup>

Chegando, pois, Jesus, já havia quatro dias que ele estava no túmulo. Estava pois Betânia a cerca de quinze estádios de Jerusalém.<sup>24</sup> Muitos dos judeus tinham vindo ao encontro de Marta e Maria para consolá-las por causa do irmão. Assim pois Marta quando ouviu que Jesus estava chegando, saiu ao encontro dele, porém, Maria permanecia sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: “Senhor, se estivesse aqui, não havia morrido o meu irmão. E agora eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus te dará. Disse-lhe Jesus: o teu irmão ressuscitará. Disse-lhe Marta: Eu sei que ressuscitará na ressurreição no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre. Crês isso? Ela lhe disse: Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo. E dizendo isto, saiu e chamou sua irmã Maria em segredo, dizendo: o mestre está aqui, e te chama (Jo 11,17-28).

<sup>23</sup> Tradução nossa.

<sup>24</sup> Quinze estádios correspondem a mais ou menos três quilômetros de distância.



Aqui nesta perícopre (11,17-28), temos a chegada de Jesus e o encontro com Marta. É bom chamar a atenção, mais uma vez, para a palavra encontro (*apánthesis*).

Quem encontra Jesus se transforma totalmente. O v.17 conta que “já havia quatro dias que ele estava no túmulo.” Havia uma tradição rabínica, naquele tempo, que dizia que a alma do morto vagava em torno ao corpo, por três dias e, que depois, não havia mais a esperança de ressurreição.<sup>25</sup> Então, por aquela mentalidade, Lázaro não podia mais ser ressuscitado. O v. 18 mostra como Betânia<sup>26</sup> (casa do pobre em hebraico) era próxima a Jerusalém e que, com isso, muitos habitantes dos arredores, amigos da família de Lázaro, Marta e Maria, tinham facilidade de apoiar as duas irmãs (v.19). Segundo Perkins,<sup>27</sup> João usou o detalhe da proximidade de Jerusalém, para explicar que as pessoas de lá estavam próximas às autoridades. Então, elas podiam confirmar que, de fato, Lázaro tinha sido enterrado há quatro dias e que tinha voltado da morte. Não tinha como as autoridades não acreditarem.

Em seguida, “Marta quando ouviu que Jesus estava chegando, saiu ao encontro dele” (v.20). Se enriquecermos a nossa reflexão pelas informações de Lucas (Lc 10,38-42), lá víamos uma Marta, trabalhadeira, de iniciativa e decidida.<sup>28</sup> É uma cena decisiva. Ela anteviu o amigo Jesus com capacidade de derrotar até a morte. Ela diz: “Senhor, se estivesse aqui, não havia morrido o meu irmão”. Era uma expectativa comum que inclusive a multidão experimentava. Alguém que tinha a fama de realizar tantos milagres, se estivesse ali, não permitiria que Lázaro morresse.<sup>29</sup> A esperança, sem explicação, acompanha Marta. “E agora eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus te dará”. Marta, parece, já era catequizada, talvez até pelo próprio amigo Jesus, quando vinha se hospedar com ela, Lázaro e Maria para entender o sentido da morte. Possivelmente, a teologia da ressurreição já tinha sido conversada entre eles. Quando Jesus lhe diz: “o teu irmão ressuscitará” (v.23), é ela quem argumenta: “Eu sei que ressuscitará na ressurreição no último dia” (v.24). Só que ela está no nível da compreensão da futura ressurreição escatológica. Foi nesse instante do

<sup>25</sup> SEGALLA, G., Giovanni, p. 322.

<sup>26</sup> McKENZIE, J. L., Betânia, p. 108.

<sup>27</sup> PERKINS, P., Evangelho segundo João, p. 785.

<sup>28</sup> BROWN, R. E., Evangelho de João e Epístolas, p. 100.

<sup>29</sup> PERKINS, P., Evangelho segundo João, p. 785.

diálogo que surgiu o significado da ressurreição de Lázaro como um sinal da ressurreição de Jesus e de todo aquele que crê.<sup>30</sup>

O sinal vai ser agora evidenciado: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (v.25). A revelação e compreensão da ressurreição, no diálogo, estava num crescendo. A cristologia da ressurreição tem que ser absorvida por Marta (6,39-40.44.54). O conceito de ressurreição (*anástasis*) está intimamente ligado ao conceito da vida (*dzoé*) (5,11.25) para o ser humano.<sup>31</sup> Segundo Brown<sup>32</sup> “como ressurreição, ele dá a vida espiritual aos fisicamente mortos, enquanto, como vida, não permite que a morte espiritual atinja os que creem nele”.

Panimolle<sup>33</sup> apresenta um quiasmo dos vv. 25-26:

A “Eu sou a ressurreição e a vida.  
B Quem crê em mim,  
C ainda que morra,  
A’ viverá. E todo aquele que vive  
B’ e crê em mim,  
C’ de nenhum modo há de morrer para sempre”.

O “eu sou” (*ego eimi*),<sup>34</sup> como em várias partes do IV evangelho,<sup>35</sup> é a identificação de Jesus, na língua grega, ao nome de *Yahweh*, na língua hebraica. Jesus é o Filho de Deus. Aquele que é “a ressurreição é a Vida”, porque o Verbo é a fonte da vida (Jo 1,4).<sup>36</sup> Ele está apresentando à Marta o sentido da sua pessoa. Por isso, Marta se envolve na compreensão da ressurreição que o amigo Jesus fará como sinal de que Ele era a Vida e que “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre” (v.25). Jesus estava se revelando à Marta como o Salvador: ele estava transferindo a morte e a vida

<sup>30</sup> FERREIRA, J. A., Os sinais no Evangelho de João, p. 130-2.

<sup>31</sup> SEGALLA, G., Giovanni, p. 323.

<sup>32</sup> BROWN, R. E., Evangelho de João e Epístolas, p. 100.

<sup>33</sup> PANIMOLLE, S., Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni, p. 28-9.

<sup>34</sup> MOLONEY, F. J., Teologia Joanina, p. 25-6.

<sup>35</sup> O “eu sou” aparece aqui (11,25) e também: “o pão da vida” (Jo 6,35.41.48); “a luz do mundo” (Jo 8,12;9,5); “eu sou o bom pastor” (Jo 10,11); “Eu sou a porta (Jo 10,9); ” “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6); “a verdadeira videira” (Jo 15,1). São sete citações do “eu sou”.

<sup>36</sup> PANIMOLLE, S., Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni, p. 29.

para outra dimensão.<sup>37</sup> Aquele que crê pode morrer de morte humana, mas ele tem “Vida” num sentido definitivo (v.26).

Houve, no entanto, uma exigência de fé: “E todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre. Crês nisso? (v.26).” A vida é promessa à fé. Segundo Segalla<sup>38</sup> tem duas soluções: a) O v.26 é ligado ao caso concreto de Lázaro e, portanto, refere-se à morte e à vida física com orientação para a escatologia futura (5,25-29; 6,39.40.54). Jesus com a ressurreição de Lázaro, define-se como aquele que fará ressurgir no “último dia” a quem crê nele. b) Conforme Segalla, ainda, é uma afirmativa mais geral que se refere à vida e à morte como fato global do ser humano. Aquele cuja vida é animada pela fé que se interioriza na vida, não morrerá. Este tipo de vida não pode conhecer a morte no sentido escatológico.

Quando Jesus perguntou à Marta se ela acreditava nisso, está, de certo modo, acontecendo um questionamento de Jesus para superar o preconceito da morte como desfecho fatal. Ela, como a maioria dos judeus da época, acreditava na ressurreição do último dia. Mas Jesus se anuncia como a ressurreição e vida aqui e agora,<sup>39</sup> ou seja, Jesus não é vida somente depois da morte, mas vida em abundância para esta vida e para além dela. Quem crê já tem a vida eterna e quem permanecer fiel não perde mais esta vida, mas goza da presença de Deus para sempre.<sup>40</sup>

### 3. Profissão de fé: uma mulher de nome Marta

A resposta de Marta (v.27) demonstrou a autêntica atitude da fé da qual nasce a verdadeira vida: “Ela lhe disse: Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo.”

Os outros três evangelistas têm o momento de proclamar a fé, quase que oficialmente, ou seja, é Pedro quem faz a profissão. Em Marcos, é Pedro quem professa que Jesus “é o Messias” (Mc 8,27-29) diante dos outros discípulos. Parece que eles ainda pensavam num Messias triunfante e cheio de glória. Em Mateus, novamente, é Pedro quem faz a profissão de fé (Mt 16,13-19), agora ampliando: “Tu és o Messias, o Filho de Deus Vivo”. Pedro recebe, por isso, as chaves do Reino do Céu. Em Lucas (Lc 9,18-20), também, é o apóstolo

<sup>37</sup> FERREIRA, J. A., Os sinais no Evangelho de João, p. 132.

<sup>38</sup> SEGALLA, G., Giovanni, p. 323.

<sup>39</sup> BORTOLINI, J., Como ler O Evangelho de João, p. 112.

<sup>40</sup> KONINGS, J., Encontro com o quarto Evangelho, p. 84-7.

Pedro quem diz que Jesus é o Messias de Deus. Portanto, nos sinóticos a figura de Pedro, um dos doze, um dos três mais próximos a Jesus é, sempre, o representante da profissão de fé no Messias.

Porém, em João, a profissão de fé muda completamente a perspectiva cristológica e teológica. No IV Evangelho, quem faz a profissão de fé é uma mulher.<sup>41</sup> Ela não pertencia ao grupo seletivo da pregação itinerante de Jesus. Ela era conhecida pela sua casa (*oikía*) com seus familiares (Maria e Lázaro) que aconchegavam Jesus quando ele subia a Jerusalém. Marta era uma mulher caseira e hospitaleira. Foi ela quem recebeu Jesus em sua moradia (Lc 10,38-42). O outro texto onde ela aparece é aqui (Jo 11).

Temos na nossa perícopa (Jo 11,17-28) este v.27 que é a apoteose teológica contada por João. Aqui este evangelista se recorda do seu objetivo (Jo 20,30-31) e mostra que Marta foi alguém que, agora sim, encontrou Jesus e, solenemente, diante daquela gente que viera consolar as irmãs de Lázaro, fez o ato de fé cristológico, que deveria ser o ato de toda a igreja nascente.

Marta, à pergunta de Jesus, respondeu: “Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo.” Na cristologia que João colocou na boca de Marta, aparecem dois títulos: a) Jesus é o “Cristo.” b) Jesus é o “Filho de Deus” título que é muito querido pelo evangelista João. Perkins<sup>42</sup> diz que “aquele que devia vir ao mundo” é uma referência à encarnação do Verbo (Jo 1,1-14). A profissão de fé de Marta é completa: essa tem por objeto não só a humanidade (Jesus) e a messianidade (Cristo), mas também a divindade de Jesus (Filho de Deus). Sobre o messianismo, João quer fugir da visão das elites israelitas da vizinha Jerusalém. Os grupos ligados à linha do sinédrio (71 membros) esperavam e queriam um descendente do poderoso Davi. Porém, a profissão de fé, aqui, foi feita em uma aldeia que tinha um nome significativo: Betânia (casa do pobre: *anawim*). A profissão foi entre a casa (*oikía*) de Marta e o túmulo (*mnemeion*).

<sup>41</sup> Já foi falado na introdução que no IV Evangelho, a questão de crer em Jesus (fé) perpassa todo o livro. Citamos a fé de Natanael (Jo 1,49), a fé da samaritana (Jo 4), a fé dos discípulos na voz de Pedro (Jo 6,68-69), do cego de nascença (Jo 9,38), a fé e o testemunho do redator final deste evangelho (Jo 19,35), a fé de Madalena (Jo 20) e a fé de Tomé (Jo 20,28). No entanto, o texto da fé da mulher Marta sobressai-se dentro das características das descrições das femininas dentro do evangelho (a mãe de Jesus, a samaritana, as mulheres ao pé da cruz, Maria Madalena), como pessoas decididas que fizeram o encontro com Jesus. Elas e Marta entenderam que a fé é encontro com Jesus.

<sup>42</sup> PERKINS, P., Evangelho segundo João, p. 785.

Este mesmo evangelista relata a ida de uma outra mulher (Madalena) ao túmulo (Jo 20,1). A pedra estava retirada do sepulcro. Diante disso, ela corre para os discípulos.... Então, nesse relato, Madalena está presa ao *mnemeion*. Ela está procurando o morto. Para ela, o cadáver era importante. Ela só supera o paradoxo, quando o Ressuscitado a chamar pelo nome: *Mariám!* E ela, subitamente, responde: *rabbonni!* Aqui muda tudo. O cadáver não existe mais.

Marta também tem o seu encontro (*apánthesis*) com Jesus, próxima ao sepulcro. Aqui ela está diante do Jesus histórico. O diálogo se dá diante de um outro cadáver (Lázaro), sepultado fazia quatro dias. Se Madalena encontrou o Ressuscitado e foi anunciá-lo, Marta precisará dar o salto da fé e entender que a “ressurreição no último dia” é um aspecto. Ela ultrapassa a visão anterior de que a ressurreição é no “último dia” e, com isso, se assustava com a morte como um desfecho fatal.<sup>43</sup>

Era o momento de compreender e interiorizar o que Jesus revelou: “Eu sou (*ego eimi*) a ressurreição e a vida”. Então, na revelação, Jesus apresenta a profundidade de que “quem crê em mim, ainda que morra, viverá.” O anúncio, além de Lázaro, é para todos aqueles que se decidem, pela fé, radicalmente, em qualquer época, por Jesus Cristo o Filho de Deus. Por isso, o anúncio alvissareiro: “E todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre.” A Marta creu (v.27), fez a profissão de fé e foi, como Madalena, anunciar. A quem? À sua irmã Maria (v.28). Ela fez a experiência missionária porque entendeu o “sinal.”<sup>44</sup> Em segredo (*lâtra* v.28), Maria recebeu o anúncio. Ela, também, precisava decidir-se, totalmente, por Jesus Cristo, o Filho de Deus. Era Ele “quem devia vir ao mundo” (v.27), um aceno à teologia de encarnação.

A personagem Marta não era nem representante do poder civil/religioso de Jerusalém ou de futuras autoridades do cristianismo nascente, mas era uma mulher de uma aldeia, simples e hospitaleira: entre tantas mulheres silenciadas pelo patriarcalismo da época, foi ela quem fez a profissão mais completa no IV evangelho.

Com isso, Marta se torna o modelo de todos os discípulos de Jesus que precisam crer que Jesus é o Cristo (Messias), o Filho de Deus (Jo 20,31).<sup>45</sup>

João, ao mostrar a profissão de fé de Marta, mostra um outro aspecto diferente de Marcos, Mateus e Lucas. Esses três privilegiaram a confissão de

<sup>43</sup> BORTOLINI, J., Como ler O Evangelho de João, p. 112.

<sup>44</sup> FERREIRA, J. A., Os sinais no Evangelho de João, p. 111-2.

<sup>45</sup> PANIMOLLE, S., Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni, p. 30.

fé de um masculino: Pedro. Aqui, em João, a profissão sai da boca de uma mulher da periferia. Ela estava tão próxima de Jerusalém, porém, falou como uma pessoa da margem. É de Betânia (casa do pobre) que ela soltou a voz proclamando a messianidade e a divindade de Jesus.

## Conclusão

Já vimos que, em João, temos vários atos de fé: a fé de Natanael (Jo 1,45-51) é professada por um israelita. A fé da Samaritana (Jo 4,1-42) é assumida por alguém que era rejeitada pelos judeus. Ela era da Samaria e era mulher. A fé dos discípulos, proclamada por Pedro (Jo 6,68-69), no ambiente do sinal do pão, é declarada pelo grupo de Jesus. A fé do cego de nascença (Jo 9) que se prostra diante de Jesus é o retrato das comunidades que foram rejeitadas pelos rabinos após Jâmnia (anos 90). Os expulsos da sinagoga fazem o encontro, não com uma instituição, mas com Jesus. O evangelista do IV evangelho deu o testemunho como verdadeiro e sabia que dizia a verdade para que os leitores cressem (Jo 19,35). A fé de Madalena foi expressa no anúncio: “vi o Senhor” (Jo 20,18).<sup>46</sup>

Porém, a perícopes da confissão de fé da mulher Marta (Jo 11,17-28), num ambiente de profunda tensão, ou seja, a dialética morte x vida, expressa, ao dialogar vivamente com Jesus, o salto profundo de quem estava vivendo o paradoxo do absurdo da morte e compreendendo o sentido da ressurreição como algo vital. Ela, ali, absorveu, radicalmente, que a morte não era uma desrazão, mas um novo nascimento. Aquela visão alvissareira de compreender que Jesus era a “ressurreição e a vida” e que, portanto, Marta descobriu o verdadeiro significado da existência, culminou com o seu ato de fé: “Eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo”.

João enfatiza, por vários momentos, que a experiência do encontro com Jesus, por parte de várias mulheres (a mãe de Jesus, a Samaritana, as várias mulheres junto à cruz, a Madalena), ajudou os inícios do cristianismo a adquirir coragem na propagação missionária. Marta, nesta perícopes (Jo 11,17-28), representa as tantas e tantas mulheres que se agregaram aos cristianismos originários proclamando que “todo aquele que vive e crê em mim, de nenhum modo há de morrer para sempre.” João, na sua visão do projeto da Palavra Viva, desmistifica o patriarcado, avança na igualdade de gênero dentro da

---

<sup>46</sup> O “ver” em João significa “crer”.

comunidade e anuncia que o Ressuscitado está presente nos cristianismos nascentes. O evangelista, possivelmente, olhando as experiências da igualdade de gênero dentro das comunidades, vendo aquelas mulheres que testemunharam o evangelho, não teve dúvidas em colocar na conclusão do seu texto que “creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. E para que crendo tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31): um texto aprofundado por Marta em sua confissão de fé (Jo 11,27).

## Referências bibliográficas

BORTOLINI, J. **Como ler O Evangelho de João**. O Caminho da Vida. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN, R. E. **Evangelho de João e Epístolas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

FERREIRA, J. A. As Forças Corruptas do Sinédrio (Anás/Caifás) e do Pretório (Pilatos) assassinaram o inocente. In: CORREIA JÚNIOR, J. L.; FRIZZO, A. C. (Org.). **Bíblia e corrupção**. São Paulo: Ed. Recrear / EDUPE, 2021. p. 197-226.

FERREIRA, J. A. Os sinais no Evangelho de João. In: ROSSI, L. A. S; SILVA, V. (Org.). **Milagres na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 111-134.

KONINGS, J. **Encontro com o quarto Evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LOPES, M. **A Confissão de Marta**. Leitura a partir de uma ótica de gênero. São Paulo: Paulinas, 1996.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

McKENZIE, J. L. Betânia. In: McKENZIE, J. L. (Ed.). **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 490.

MOLONEY, F. J. Teologia Joanina. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E (Ed.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 1648-1662.

PALAORO, A. Betânia: casa de encontro, espaço educativo. **Instituto Humanitas Unisinos**, 12 abr. 2022, p. 1. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/42-noticias/comentario-do-evangelho/617597-betania-casa-de-encontro-espaco-educativo>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PANIMOLLE, S. **Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni**. Bologna: Dehoniane, 1986. v.III.

PERKINS, P. Evangelho segundo João. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E (Ed.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 731-816.

RUBEAUX, F. “**Mostra-nos o Pai**”: Uma leitura do Quarto Evangelho. Belo Horizonte: CEBI, 1989.

SEGALLA, G. **Giovanni**. Roma: Ed Paoline, 1984 (Nuovissima versione della Bibbia).

THE GREEK NEW TESTAMENT, third Edition. Münster / Westphalia: United Bible Societies, 1980.

***Joel Ferreira***

Doutorado em Ciências da religião pela Universidade Metodista  
de São Paulo

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás

Goiânia / GO – Brasil

E-mail: joelantonioferreira@hotmail.com

Recebido em: 02/05/2022

Aprovado em: 30/11/2022